

ANOTAÇÕES ACERCA DE UJI SHŪI MONOGATARI

Luíza Nana Yoshida

Contrastando-se com a literatura aristocrática¹ de até então, que tinha praticamente como tema único os fatos ou os personagens ligados à classe nobre e que “refletia o caráter *bon vivant* e efeminado, porém culto e refinado da classe que a produzia”², as histórias de Uji Shūi Monogatari abordam temas diversos como o Budismo, os feitos heróicos, os acontecimentos fantásticos, os fatos seculares, etc., onde a opulência, o romantismo e a delicadeza dos nobres são substituídos pela admiração à coragem e à força bruta dos homens, pela exploração dos sentimentos humanos (dos mais nobres aos mais vis), pela presença de personagens ligados a toda classe social, e o cenário, antes restrito praticamente à luxúria da capital, se estende para as províncias e regiões distantes, onde chegamos a sentir, em algumas histórias, o cheiro da própria terra.

Assim sendo, gostaria de poder visualizar algumas características que podemos considerar típicas da literatura *chūsei*³, através do estudo de algumas histórias.

1/3 Como um menino aprendiz da província chora ao ver a flor da cerejeira cair

Há muito tempo atrás, um menino aprendiz⁴ havia entrado no mosteiro do monte Hiei. Um certo dia, quando a flor da cerejeira estava no esplendor do florescimento, ao sentir o sopro de um forte vento, esse menino começa a chorar copiosamente.

Assintindo a essa cena, um bonzo aproxima-se calmamente e consola-o dizendo: "Por que chorais tanto, meu pequeno? estais triste porque as flores caem? Mas como vós sabeis, as flores da cerejeira são efêmeras; mal temos tempo de apreciá-las, já caem. Mas é somente isso. Não vale a pena lamentar-vos assim" Ao que responde o menino soluçando e chorando copiosamente: "Não posso fazer nada quanto ao fato de as cerejeiras caírem; isso não me aflige. O que me faz sofrer é o fato de pensar que, com esse vento, as flores do trigo plantado pelo meu pai possam cair e o trigo não produza grãos"

Realmente, trata-se de uma história que nos causa desapontamento.

Creio que podemos encontrar aqui duas épocas: uma que se vai e a outra que está surgindo. O bonzo representando as tendências da era Heian, onde se prezava como virtude máxima o romantismo de refinada elegância, e o menino representando as tendências da era *chūsei* (fins do século XII – meados do século XVI), onde já não existe aquele ambiente fino e "almofadinha" da aristocracia, e sim, um mundo em que a coragem, o heroísmo e o homem com todas as suas qualidades e defeitos começam a se evidenciar.

O pano de fundo dessa história nos lembra uma cena típica da aristocracia, onde temos a paisagem ideal para se compor um *waka* (poema japonês composto de versos de 31 sílabas): um mosteiro silencioso no monte Hiei, considerado um dos montes sagrados de rara beleza e as flores da cerejeira na sua mais bela época. Elas eram, sem dúvida, um dos temas preferidos na composição dos *waka*.

Quando o bonzo diz:

"as flores da cerejeira são efêmeras; mal temos tempo de apreciá-las, já caem. Mas é somente isso."

essas palavras traduzem o conceito de *mujō* ou seja, a efemeridade e a transitoriedade de todas as coisas, um tema bastante constante nas obras da época. Os trechos abaixo retirados de *Heike Monogatari* (fins do século XII) e *Hōjōki* (1212), podem ser considerados exemplos típicos de *mujō*:

"O som do sino de Jetavana⁵ ecoa a impermanência de todas as coisas. A flor da teca⁶ que dizem ter se tornado branca, quando da morte de Buda, expressa a lógica da

inevitável decadência dos que ascendem.”

(Heike Monogatari)

“A água do rio que flui não cessa e ademais a que ora corre não se trata de água anterior. As bolhas que flutuam nas águas paradas se esvaem, se formam, não se tendo conta de que tenham permanecido por longo tempo.”⁷

(Hōjōki)

Também poemas que têm como tema a efemeridade da flor da cerejeira são inúmeras e entre eles podemos destacar:

Título: poema composto ao ver o desabrochar da cerejeira

KOTOSHIYORI HARU SHIRISOMURU SAKURABANA
CHIRU YUKOTOWA NARAWAZARANAMU

(Oh, cerejeira, que vês a primavera pela primeira vez,
Não sejas como as outras, não caias tão breve!
Pelo menos, tu, continues florida!)

(Ki no Tsurayuki)

Título: poema composto no recinto de Nagisa

YONO NAKANI TAETE SAKURANO NAKARISEBA
HARUNO KOKOROWA NODOKEKARAMASHI

(Se não houvesse a cerejeira nesta vida,
A primavera seria mais amena.)

— Isto porque assim, não precisaríamos
sentir a angústia, ao ver a cerejeira
cair tão breve —

(Ariwara no Narihira)

Sem título

UTSUSEMINO YONIMO NITARUKA HANAZAKURA
SAKUTO MISHIMANI KATSU CHIRINIKERI

(Tal qual esta vida,
A cerejeira floresce e cai,
enquanto ainda a apreciamos)⁸

(Autor desconhecido)

Ainda com relação à história acima citada, podemos visualizar, no final, um quadro até certo ponto cômico: o menino, contrariando as

expectativas do pobre bonzo, que, comovido com a sua sensibilidade, vai consolá-lo, diz que a queda ou não das flores da cerejeira não lhe importa nem um pouco; o que lhe entristece é o fato de pensar que o vento talvez possa acabar com a plantação de trigo do seu pai.

Parece-nos um tanto despropositado, ou ainda ingênuo, o fato de o bonzo chegar a pensar que uma criança pudesse chorar comovida com a queda das flores e querer consolá-la com uma explicação tão subjetiva e filosófica. Ele recebe, portanto, uma resposta à altura.

Um simples fenômeno da natureza visto aqui de dois pontos de vista: um do bonzo, para quem a queda das flores da cerejeira traduz a efemeridade de todas as coisas, que rege a vida do ser humano; o outro, o do menino, que mostra o lado real, ou seja, o vento forte, assim como derruba todas as flores da cerejeira, pode derrubar as flores do trigo de seu pai, causando assim grandes prejuízos.

O desfecho dessa história *utateshiyana* que corresponderia a “Que desapontamento!” ou “Que lamentável!”, parece soar como uma crítica à insensibilidade da classe menos privilegiada (aqui representada pelo menino aprendiz) perante aos valores estéticos da aristocracia.

II/13 Como Narimura se encontrou com um estudante de força brutal

Antigamente, havia um lutador de *sumô*⁹ que se chamava Narimura. Numa certa ocasião, quando os lutadores de várias províncias se reuniram na capital e esperavam pelo Festival de Sumô¹⁰, um grupo deles estava reunido no portal Suzaku¹¹ para tomar ares e passeando pelos arredores, passaram pelo portão leste da Universidade e tencionavam seguir para o sul. No entanto, também os estudantes da Universidade estavam, em grande número, tomando ares no portão leste e, tentando impedir a passagem desses lutadores, barraram-nos, dizendo: “Mas que barulho! Façam silêncio!” Os estudantes eram filhos de pessoas da alta sociedade e assim os lutadores não quiseram forçar a passagem. Um dos estudantes, de estatura baixa, com as vestes um pouco melhor do que os outros, destacava-se à frente, impedindo-lhes a passagem. Narimura olhava fixamente para ele e dizendo aos companheiros: “Vamos, vamos embora!”, resolveu retornar ao portal Suzaku. Chegando aí, diz Narimura aos outros: “Como são desagradáveis esses estudantes da Universidade! Com que intenção terão nos barrado? Pensei em forçar a passagem, mas, de qualquer forma, não

vamos passar hoje, deixando isso para amanhã. Achei particularmente odioso aquele de estatura pequena que gritando “Façam silêncio!” barrou-nos a passagem. Se tentarmos passar amanhã, certamente farão o mesmo que hoje.” E dirigindo-se para um dos companheiros completou: Você, dê-lhe, sem falta, um chute no traseiro a ponto de lhe arrancar sangue!” Então, o lutador a quem Narimura se dirigiu, disse orgulhosamente, batendo no peito: “Se eu lhe der um chute, provavelmente ele não viverá para contar a história. Seja como for, vamos passar pela força!” Este lutador era conhecido pela sua força, superior aos outros e era também muito veloz, razão pela qual Narimura o escolhera. E, assim, nesse dia, cada um foi para a sua casa.

No dia seguinte, chamando muitos lutadores que não estavam no dia anterior, planejaram forçar a passagem pela vantagem de números. Os estudantes parecendo adivinhar isso, em maior número que no dia anterior, gritavam ruidosamente: “Façam silêncio!”; mas os lutadores formando um bloco começaram a avançar. O estudante que no dia anterior havia lhes barrado destacando-se particularmente, estava outra vez de pé, no meio do caminho, mostrando-se resoluto em não lhes deixar passar. Como Narimura lançou um olhar ao companheiro a quem pedira para chutar, este, um homem mais alto que os outros, grande, jovem e confiante em si, levantando as barras do seu *hakama*^{1 2} e prendendo-as no *obi*¹³ aproxima-se forçando a passagem. Atrás dele, também os outros lutadores tentam passar de uma só vez, ao que os estudantes tentam impedir. Enquanto isso ocorre, o lutador incumbido de chutar o estudante, pensando em derrubá-lo, avança sobre ele e levanta bem alto a sua perna. Como o estudante percebendo isso, curva-se, desviando o corpo, o lutador não consegue acertá-lo e a perna fica perdida no ar. Ao ver essa perna que parecia tombar para trás, o estudante agarra-a firmemente e avança em direção aos outros lutadores, segurando esse lutador sem qualquer esforço, como quando um homem segura um bastão fino; ao ver isso, os lutadores começam a fugir. O estudante, entretanto, persegue-os e joga o lutador que segurava pelas pernas em direção a eles. O lutador é atirado a uns 10-20 metros e tomba. Fica todo quebrado e não consegue mais se levantar. Não se importando com isso, o estudante avança na direção em que estava Narimura e este ao vê-lo começa a fugir. Como o estudante vinha em sua perseguição sem hesitar, Narimura corre em direção ao portal Suzaku e foge por uma das entradas laterais. Mas o estudante logo o alcança e vai em sua direção. Assim, pensando que seria agarrado, Narimura tenta pular o muro do Ministério do Ceri-

monial, e quando o estudante estende os braços para impedi-lo, Narimura pula rapidamente. Não sendo possível agarrar outro lugar, o estudante segura uma das pernas de Narimura pelo calcanhar juntamente com o calçado e puxa a sola com tamanha violência que a pele do pé é arrancada, como se a sola tivesse sido esfolada com uma espada. Narimura, ao ver o pé, já do outro lado do muro, nota que o sangue escorre sem parar. A sola do calçado fora arrancada e desaparecera. Parece que o estudante que o perseguiu era possuidor de uma força descomunal. Foi capaz até de pegar como um bastão o lutador que tentou lhe chutar e atirá-lo longe. É realmente assustador saber que existem pessoas assim neste vasto mundo. O lutador que foi atirado longe acaba morrendo, por isso é colocado num caixão e carregado daí.

Narimura dirigindo-se, mais tarde, ao oficial encarregado da sua equipe, relata-lhe o acontecido e diz que aquele estudante da Universidade parece ser um admirável lutador de *sumô* e que ele próprio não se atreveria a lutar com esse estudante. Ouvindo isso, o oficial solicita a emissão de uma ordem imperial para procurar o estudante, dizendo: “Mesmo um Terceiro Secretário do Ministério do Cerimonial pode ser requisitado se for um bom lutador, por isso, haveria objeção em se tratando de um mero estudante de Universidade?” No entanto, apesar da detalhada investigação, a identidade desse estudante nunca foi conhecida.

Numa época em que a delicadeza refinada da nobreza vai cedendo lugar à coragem e à bravura dos *bushi* (samurai), não se admira que histórias de homens fortes tivessem um lugar de destaque em *Uji Shūi Monogatari*.

Nessa obra, além da história acima, há outras mais sobre pessoas dotadas de grande força física:

- a) XIII/6 *Sobre a força descomunal da irmã mais nova de Ōi Mitsutō*. história de uma jovem de aparência bem feminina, porém dotada de uma força descomunal, que faz correr de medo o ladrão que a toma como refém.
- b) XIV/2 *Sobre a força descomunal do Sumo Sacerdote Kancho*, onde o sacerdote, com um simples chute, atira ao longe o ladrão que ameaça roubar-lhe as roupas.

c) XIV/3 *Como Tsuneyori se encontra com uma cobra*, história de um lutador de *sumô*, Tsuneyori, que, em certa ocasião, fica enrolado por uma cobra gigante saída de um rio que corre perto da sua casa. A cobra que possuía uma força correspondente à de uns sessenta homens, não consegue arrastar Tsuneyori para o rio e acaba se partindo ao meio.

Presume-se que Narimura, o lutador que acaba fugindo de um estudante, foi um nome razoavelmente conhecido pela sua força e físico e também pelo fato de ter lutado durante mais de dez anos, embora o seu nome não conste em documentos oficiais. Através de *Konjaku Monogatari* constata-se que seu nome completo era Narimura Makami, nascido na província de Hitachi e que viveu na época do imperador Murakami (947-967).

Antigamente os lutadores de *sumô* não eram afortunados como os de hoje em dia; eram geralmente pessoas do interior e financeiramente pobres. Mesmo os que se destacaram como Narimura não possuíam privilégios, que eram exclusivos da classe dominante.

Também nessa história podemos perceber o contraste entre:

povo	x	classe privilegiada
província	x	capital

e o mais interessante é que o desfecho da história onde a vitória que parece estar claramente do lado dos lutadores,

(lutadores)		(estudantes)
homens extremamente bem dotados	x	homens comuns
profissionais	x	amadores

acaba sendo alcançada pelos estudantes. Este tipo de final inesperado é uma das características da literatura narrativa.

II/10 Como Hakamadare se encontrou com Yasumasa

Era uma vez um homem chamado Hakamadare, um notório chefe de um bando de ladrões. Como por volta do décimo mês¹⁴ sente a

necessidade de se agasalhar melhor, pensa em roubar algumas roupas e fica à espreita nos locais onde talvez pudesse conseguir isso. Por volta da meia noite, depois que todas as pessoas se recolheram, sob um luar pálido, um homem vestindo várias roupas sobrepostas¹⁵, com o hakama amarrado na barra com um cordão e coberto com uma veste de seda, vai andando lentamente, sozinho, tocando uma flauta. "Ah", pensa Hakamadare, "este sim deve ter aparecido para me dar roupas!" Assim, avança sobre ele e tenta roubar-lhe as roupas; mas sente um estranho calafrio que o impede de prosseguir. Segue-o por uns 200 a 300 metros, mas o homem não dá nenhum sinal de apreensão de quem está sendo seguido. Como o homem segue tocando mais e mais a sua flauta, Hakamadare pensando em atacá-lo, avança sobre ele com pesados passos, mas ao vê-lo voltar-se sem sequer parar de tocar, perde a coragem de roubá-lo e acaba fugindo.

Hakamadare, por várias vezes, tenta isso e aquilo, mas o homem não se mostra nem um pouco perturbado. Achando-o um homem bastante raro, segue-o por uns 1000 metros. Mas pensando consigo se poderia continuar assim, resolve desembainhar a espada e atacá-lo, quando, desta vez, o homem deixa a flauta, pára e volta-se, perguntando: "Quem é você?" Hakamadare, assustado e confuso, acaba caindo de joelhos no local. O homem pergunta novamente: "Que espécie de gente é você?" Hakamadare achando que mesmo que tentasse fugir agora não conseguiria, responde: "Sou ladrão de roupas" "Qual é o seu nome?", pergunta o homem, a que responde Hakamadare: "Sou conhecido por Hakamadare." "Eu me lembro de ter ouvido falar sobre você. Um homem imprevisível que causa ameaça à tranquilidade!" E dizendo só: "Acompanhe-me!", segue o seu caminho tocando a flauta.

Pelas condições apresentadas, Hakamadare vê que não conseguiria escapar desse homem; enquanto o segue com o sentimento de quem tem a alma retirada pelo demônio¹⁶, chega à casa desse homem. Tentando saber que lugar era aquele, vê que estava na casa do Governador da província de Settsu, Yasumasa. Chamando Hakamadare para dentro da casa, Yasumasa dá-lhe uma roupa grossa de algodão e lhe diz: "Quando necessitar de roupas, venha e me diga. Não se meta em encrencas, atacando alguém que nem sabe de quem se trata." Hakamadare não consegue esboçar uma palavra, achando tudo muito estranho e sente pavor. "Pensando agora, que homem admirável ele era!", disse Hakamadare quando foi capturado mais tarde.

Além dessa, há outras histórias em *Uji Shūi Monogatari* em que aparecem ladrões, como por exemplo:

- a) III/1 *Sobre o ladrão Daitarō*, história sobre Daitarō, chefe de ladrões, que tenta roubar a casa de Ōya no Suke Takenobu, um exímio arqueiro.
- b) X/10 *Como um pirata se converte e se torna sacerdote*, história de um pirata chamado Awaji no Rokurō, que numa ocasião atira ao mar um monge, mas este protegido pela sutra que segurava é salvo, o que leva o pirata a se converter.
- c) XI/2 *Sobre o fato de Yasusuke ser um ladrão*, história de Yasusuke, que mesmo sendo irmão do Governador da província de Tango, chefiava um bando de ladrões.
- d) XI/8 *Como Norimitsu subjuguou os ladrões com sua espada*, história do Governador de Michinoku, Tachibana Norimitsu, que a caminho da casa de sua amada, encontra três ladrões e os subjuga com a sua espada.
- e) XV/4 *Como o Oficial de Guarda Kadobe expulsou os piratas com as suas flechas*, história de um guarda palaciano habilidoso no manejo de arco e flecha que expulsa, certa ocasião, os piratas que queriam atacar o palácio.

É sabido que nos fins da era Heian e início da era Kamakura (1185 - 1333), devido à própria situação econômica e social do país, juntamente com as inúmeras e repetidas catástrofes naturais¹⁷, agravado ainda pela inexistência de um policiamento, houve no Japão o aumento do número de ladrões. Conseqüentemente, aqueles que possuíam a força e a coragem de enfrentá-los e dominá-los eram vistos com grande respeito e isso parece transparecer nas histórias de *Uji Shūi Monogatari*. Por trás dessas histórias que enaltecem os atos corajosos de homens valentes ou dos *bushi* que subjugam os ladrões, existe o respeito e a admiração para com os fortes e reflete um fato inegável que se vê nessa época: a ascensão dos *bushi*.

Há também em *Uji Shūi Monogatari* as histórias que expressam

os desejos de homens e mulheres do povo em geral. O fato de essas histórias serem transmitidas e coletadas aqui, pode ser considerado como mais uma característica dessa época. Essas histórias, quase sempre de cunho religioso, são os reflexos da propagação da religião entre o povo, como uma salvação para o homem.

Temos, por exemplo, histórias onde mulheres geralmente muito pobres ou reencarnadas como animal pelo pecado cometido na vida anterior, obtêm a felicidade, a riqueza ou a salvação através da fé:

- a) IV/5 *Sobre a cobra debaixo das alpondras*¹⁸, história de uma mulher que reencarnada como cobra, fica presa durante muitos anos debaixo de uma pedra. Certo dia, uma mulher que se dirigia para um Sermão de Iluminação no templo Urin'in, desloca essa pedra por acaso e a liberta. A cobra segue essa mulher até o templo e ouvindo o sermão, se redimi, e se liberta do seu pecado. Nessa noite, a cobra com a forma humana da cintura para cima, aparece no sonho da mulher, explica-lhe o acontecido e lhe diz que a recompensará dando-lhe fortuna e um bom marido. Depois de algum tempo, essa mulher, como lhe foi revelado no sonho, torna-se esposa de um homem muito rico e vive feliz para sempre.

Não podemos negar que o ato de libertar a cobra foi meramente casual, mas não podemos ignorar também o fato de que isso foi realizado por uma mulher que se dirigia justamente para um sermão religioso. E o fato de a recompensa consistir num casamento com um homem rico, parece refletir que isso era o sonho da maioria das jovens do povo.

- b) IX/3 *Como uma jovem de Tsuruga, em Echizen, foi salva pela deusa Kannon*, história de uma jovem da província de Tsuruga que alcançou a felicidade casando-se com um homem de um poderoso clã da província de Mino, graça essa obtida devido à sua fé em Kannon.
- c) XI/7 *Como uma mulher recebeu de Kannon uma cortina milagrosa no templo Kiyomizu*, história de uma mulher pobre que apesar da sua fé não alcança graças e, numa certa noite, não tendo para onde ir, pernoita no templo

defronte à imagem de Kannon. No sonho, Kannon aparece e lhe dá uma cortina que mais tarde essa mulher utiliza como vestimenta. Uma vestimenta misteriosa que faz com que tudo o que ela deseja se realize. Assim, a mulher consegue uma grande fortuna e um bom casamento.

O que se destaca em todas essas histórias é o fato comum de que a felicidade da mulher se resumia em realizar um bom casamento. No entanto, isso ser obtido através da fé, ou através das graças de Kannon parece ser típico da era *chūsei*.

Há também a história do jovem miserável, só no mundo, que pede ajuda à deusa Kannon do templo de Hase. Kannon aparece em seu sonho e lhe diz para que leve consigo a primeira coisa em que tocar ao deixar o templo. O que encontra é uma haste de palha que o jovem vai trocando por outros objetos, até que no final ele se torna proprietário de terras e se torna um homem próspero (VII/5 *Como um jovem recebe uma recompensa depois de rezar no templo Hase*).

Através desta pequena amostra de histórias contidas em *Uji Shūi Monogatari*, creio que podemos perceber várias realidades que constituem o seu mundo. O menino aprendiz da província que ao ver as flores da cerejeira derrubadas por um vento forte, cai em prantos pensando no prejuízo que o seu pai vai ter na lavoura, uma visão de senso realista e vivenciada, contrastando-se com a visão de consciência estética do bonzo; a admiração e o enaltecimento da força e da coragem; homens e mulheres do povo que cansados de sofrer vão aos templos pedir graças aos seus protetores, são fatos que mostram as tendências da era *chūsei* e a condição de extrema carência em que vivia o povo nessa época, onde não havia a margem para se pensar no belo ou na efemeridade das coisas, mas sim, pensar só e exclusivamente em como sobreviver o dia de hoje.

Os ladrões de *Uji Shūi Monogatari* não roubam ouro ou jóias, roubam roupas para poder suportar o frio; os desesperados não pedem aos protetores dinheiro ou poder, mas sim, qualquer coisa que lhes permita amenizar o sofrimento. No mundo de *Uji Shūi Monogatari* não desfilam grandes fatos heróicos ou homens ambiciosos que buscam o poder; o que se vê é um mundo onde a opulência anterior da nobreza já não consegue sobreviver e dá lugar a uma vida onde o homem tem que sair para a luta e se defender. É um mundo que mostra, ainda que através de terceiros (pois não se trata essa de uma

obra escrita por alguém do povo), os modestos anseios e sonhos do povo, onde os grandes feitos “heróicos” se resumiam na captura de ladrões de roupas.

Os personagens das histórias de *Uji Shūi Monogatari* já não passam os dias a se lamentar da vida ao contemplar as flores que caem ou escrevendo cartas românticas a alguma donzela. São personagens que choram, pedem, salvam, mentem, mantendo uma atmosfera de agitação e de muita vida como que se refletindo a própria época que representam.

NOTAS

- (1) literatura aristocrática — refiro-me à literatura da era Heian (794-1185), produzida por pessoas da Corte ou relacionadas à ela.
- (2) Aston, W.G. — *A History of Japanese Literature*. Tóquio, Charles E. Tuttle Co., 1973.
- (3) literatura chūsei — obras produzidas principalmente na era Kamakura (1185-1333).
- (4) menino aprendiz — vide nota (5) de *Algumas considerações acerca de Uji Shui Monogatari*, in *Estudos Japoneses III*, 1983, revista do Centro de Estudos Japoneses da USP.
- (5) Jetavana — localidade da Índia.
- (6) teca — nome de uma árvore nativa da Ásia.
- (7) vide *Hōjōki: Ensaio de um Budista em Retiro. Notas e Comentários*. Geny Wakisaka, in *Estudos Japoneses IV*, revista do Centro de Estudos Japoneses da USP, 1984.
- (8) Poemas da Antologia *Kokinshū* (século X).
- (9) sumô — é um tipo de luta livre japonesa praticada desde a antiguidade.
- (10) Festival de sumô — competição realizada todos os anos na Corte, nos fins do sétimo mês do antigo calendário.

- (11) portal Suzaku – Portal principal do lado sul do antigo Palácio Imperial. Era um dos pontos turísticos principais, quando da visita à capital, Quioto.
- (12) hakama – veste japonesa que se assemelha a uma saia-calça longa, normalmente usada pelos homens.
- (13) obi – faixa de pano que faz o papel do cinto, quando se usa quimono. Prendiam-se as barras para facilitar o movimento.
- (14) décimo mês – em japonês, *kan'nazuki*; é a época que corresponde ao início do inverno.
- (15) roupas sobrepostas – nesta época, para se proteger do frio, não se usavam roupas pesadas, mas sim, várias roupas leves sobrepostas
- (16) alma retirada pelo demônio – expressão utilizada para indicar que a pessoa está completamente dominada, como se já não tivesse alma.
- (17) idem nota (7).
- (18) alpondras – passadeiras de pedras que atravessam um rio ou um ribeiro de uma margem para a outra.